SERMAM

NAS SOLEMNES

EXEQUIAS,

QUE OS IRMÃOS DO SENHOR DOS Paſſos do Real Convento de S. Domingos deſta Corte fizeraõ pelas almas de ſeus Irmãos defuntos, no primeyro Domingo de Novembro, em que ſe contavaõ 6. do meſmo mez deſte preſente anno de 1718.

Offerecido ao Illuſtriſſimo, & Reverendiſſimo Senhor

HENRIQUE VICENTE DE TAVORA,

Filho dos Excellentiſſimos Senhores Marquezes de Tavora, Theſoureyro Mòr da Santa Sè Patriarchal de Lisboa Occidental.

Pregou-o o Muyto Reverendo Padre

Fr. PEDRO MONTEYRO,

Meſtre na Sagrada Theologia, Prègador de S. Alteza, Conſultor do Santo Officio, Examinador Synodal do Arcebiſpado de Lisboa Oriental, & do Priorado do Crato.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRÃO.

Com todas as licenças neceſſarias.

Anno de 1719.

SERMAM

DAS SOBERANAS

RAINHAS

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISsimo Senhor.

BIBLIOTECA ... SEVILLA

ESTE papel, que ponho aos pès de V. Illuſtriſſima, he o Sermaõ, que prèguey nas Exequias ſolemnes, que os Irmãos da Meſa do Senhor dos Paſſos deſte Convento, de que V. Illuſtriſſima he Provedor, & em cujo zelo ſe funda a eſtabilidade, & augmento da meſma Irmandade, fez pelas almas de ſeus Irmãos defuntos. E como V. Illuſtriſſima pela ſua indiſpoſiçaõ naõ pode aſſiſtir a ellas, pareceo aos meſmos Irmãos, que eſte ſe imprimiſſe, para por meyo do prelo ſe fazer a V. Illuſtriſſima preſente. Quando da ſua liçaõ reſulte o inclinarſe algum Chriſtaõ à devoçaõ das almas, tenho conſeguido, o que intentey, no conſentir, ſe deſſe a luz; quando porèm iſſo pela ſua imperfeyçaõ ſe naõ ſiga, pelo menos ſe me naõ poderà negar, que o intento foy louvavel; pois atè hum Poeta gentio diſſe, que os ſeus Deoſes ſe ſatisfaziaõ das vontades:

Ovidio. Si desunt vires, tamen est laudanda voluntas,
Hac ergo contentos auguror esse Deos.

Na benignidade de V. Illustrissima achará desculpa a temeridade da minha confiança, cuja pessoa guarde Deos para mayor esplendor das Purpuras, & decoro das Tiaras, como lhe pede neste Convento de S. Domingos de Lisboa Occidental,

De V. Illustrissima seu mais humilde Capellaõ, & devoto Orador

Fr. Pedro Monteyro.

APPROVAÇOENS DO S. OFFICIO.

Censura do M. R. Padre Meſtre Fr. Manoel da Eſperança, Qualificador do S. Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia vi eſte Sermaõ de Exequias, que prégou o M. Reverendo Padre M. Fr. Pedro Monteyro, Religioſo da Sagrada Familia dos Prègadores, Conſultor do Santo Officio, Prègador do Sereniſſimo Senhor Infante, Examinador da Sè Oriental, & Priorado do Crato; & nelle naõ achey couſa algũa, que ſe opponha aos dogmas de noſſa Santa Fé, ou bõs coſtumes; com que me parece ſer merecedor da licença que pede. V. Eminencia determinará, o que for ſervido. Carmo de Lisboa Occidental 4. de Dezembro de 1718.

Fr. Manoel da Eſperança.

Censura do Padre D. Lourenço Juſtiniano da Annunciaçaõ, Qualificador do S. Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

ESte Sermaõ de Exequias que pertende imprimir o M. R. P. Meſtre Frey Pedro Monteyro, he muyto merecedor da licença que pede, por me parecer muy-

to douto, formal, pio, & devoto, & muyto mais por não conter couſa algũa contra a noſſa Santa Fé, & bõs coſtumes. V. Eminencia mandará o que for ſervido. Lisboa Oriental Santo Eloy 9. de Dezembro de 1718.

Lourenço Juſtiniano da Annunciaçaõ.

LICENÇA
Do Santo Officio.

VIſtas as informaçõ es, pode-ſe imprimir o Sermão, de que faz menção eſta petiçaõ, & impreſſo tornarà para ſe conferir, & dar licença que corra, & ſem ella naõ correrá. Lisboa Occidental 16. de Dezembro de 1718.

Ribeyro. Rocha. Fr. R. Lancaſtre.
Guerreyro. Carneyro.

DO ORDINARIO.

PÓde-ſe imprimir o Sermaõ de que ſe trata, & depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, & dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 5. de Janeyro de 1719.

Cardoſo.

DO

DO PAÇO.

SENHOR.

POr ordem de V. Mageſtade li com grande goſto o Sermaõ de Exequias, que prègou o M. R. Padre Meſtre Frey Pedro Monteyro, Religioſo da Sagrada Ordem dos Prègadores, Qualificador do Santo Officio, Prègador do Sereniſſimo Senhor Infante, Examinador da Sè Oriental, & Priorado do Crato; & depois de o ter viſto hũa vez por obediencia, que ſó neſta occaſiaõ ſe achou ſem merecimento, o torney outras muytas a ler ſempre com admiraçaõ, & novo deſejo de aprender de quem venero em tudo por hũ Meſtre muy ſuperior, deſcobrindo neſte Sermaõ tudo o que deſejava Santo Ambroſio: *Sermo tuus ſeſe ipſe tueatur, nec ullum verbum tuum in vanum exeat, & ſine ſenſu prodeat.* Do Orador diſſe o Principe da eloquencia Marco Tullio, que devia ter tres condiçõeſ, clareza, ornato, & diſtinçaõ: *Apertè, diſtinctè, & ornatè loqui.* Todas eſtas propriedades ſe admiraõ com grande relevancia em o Author deſte Sermaõ, pois nelle ſe deſcobre felizmente hum eſtylo claro em propor, huma diſcreta diſtinçaõ em diſcorrer, & hum engenhoſo adorno para ſuavizar. Em fim he obra eſte Sermaõ de taõ conhecido Orador, que ſó em ſe dizer que he ſeu, ſe diz tudo. Nenhuma couſa contèm, que poſſa offender as leys do Reyno, & ordẽs de V. Mageſtade, pelo que o julgo digniſſimo do prelo, para que os que naõ tiveraõ o goſto de o ouvir, tenhaõ ao menos a dita de o ler. Eſte he o meu parecer.

recer, V. Mageſtade diſporà o que for ſervido. Convento de N. Senhora de JESUS de Lisboa Occidental aos 2. de Fevereyro de 1719.

Fr. Joſeph da Conceyçaõ.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & impreſſo torne à Meſa para ſe conferir, & taxar, & ſem iſſo naõ correrà. Lisboa Occidental 2. de Março de 1719.

Duque P. Botelho. Pereyra.

Censura do M. R. Padre Presentado Frey Manoel da Silva, Lente de Vespera do Real Collegio de N. Senhora da Escada.

POr ordem de V. P.M.R. vi este Sermaõ, que prègou o M. Reverendo Padre Mestre Frey Pedro Monteyro, Consultor do Santo Officio, Prègador do Sereníssimo Senhor Infante, & Examinador da Santa Sé de Lisboa Oriental, & Priorado do Crato, neste Convento em as Exequias dos Irmãos dos Passos delle; & assim como ha materias taõ justas, que fazem toda a consulta escusada, como disse o Padre Saõ Cypriano, ha outras taõ justificadas, que darlhe fiscal, he ocioso, & entre estas conto eu este Sermaõ do Padre Mestre Frey Pedro Monteyro; porque sendo o seu Author hum Mestre dos de melhor nota, hum Qualificador da mesma conta, hum Prègador de geral acceytaçaõ, naõ se podia esperar da sua maõ obra, que a todas as luzes naõ fosse muy justificada. Neste Sermaõ expoz o Padre Mestre aos Irmãos vivos, os termos mais finos da charidade Catholica para com seus Irmãos defuntos; fez sensivel aos vivos a horrenda pena, que no Purgatorio padecem os mortos; ensinoulhes os remedios, com que aos defuntos mitigaõ os vivos o rigor dos tormentos; animou a todos, que com a esperança do lucro, que lhes promette o agradecimento, sejaõ liberaes com aquellas almas, que agora gemem afflictas, & depois lhes valeráõ glorioſas. Nelle naõ usa dos encarecimentos, que fazem as verdades

sus-

ſuſpeytas, nem de doutrinas paradoxas; ſim das verdades, que até noſſa Santa Madre Igreja, & os Santos Padres nos enſinaõ; pelo que julgo, que naõ ſó he digno, mas muy conveniente, de que V. P. M. R. conceda a ſeu Author a licença que pede. Saõ Domingos de Lisboa Occidental 18. de Dezembro de 1718.

Fr. Manoel da Silva, Preſentado, & Lente de Veſpera do Collegio da Rainha.

LICENÇA DA ORDEM.

DOu licença para que ſe apreſente eſte Sermaõ, que prègou o M. R. Padre Meſtre Fr. Pedro Monteyro, na Meſa do Santo Officio. Saõ Domingos de Lisboa Occidental 21. de Novembro de 1718.

Fr. Pedro do Sacramento
Vigario Geral.

AVE

AVE MARIA.

Doleo ſuper te frater mi Jonatha.
2. Reg. 1.

PAlavras ſaõ eſtas, com que David no primeyro Capitulo do ſegundo livro dos Reys lamẽtava a morte de Jonathas, ſeu grande amigo, dizendo nellas, Eu me doo ſobre vòs meu irmaõ Jonathas. Eſtas meſmas conſidero, que repetem hoje os Irmãos do Senhor dos Paſſos deſta caſa neſtas Exequias, & mais ſuffragios, que applicaõ pelas almas dos que falecèraõ neſta ſua Irmandade.

Refere o Texto Sagrado, que era taõ grande o amor, com que Jonathas, & David ſe amavaõ, que para nos dar a entender a conformidade, com que yviaõ, diſſe que a alma de hum andava unida á alma do outro: *Anima Jonathæ conglutinata eſt animæ David.* 1. Reg. 18. 1. Com que ambos ſentiaõ a meſma pena, & ſe alegravaõ com o meſmo bem. Em nada ſe encontravaõ, porque o ſentir de hum era o parecer do outro. E como haviaõ ſido taõ grandes amigos na vida, razaõ era, que por morte de hum ſe naõ eſqueceſſe o outro da ſua alma: que o amor para ſer fino, naõ deve acabar com a vida do amigo, mas deve permanecer para com elle ainda na ſua ſepultura.

Muyto amou a Chriſto Senhor noſſo o meu S. Pedro; delle diſſe S. Joaõ Chryſoſtomo, que nenhũ

dos Discipulos o amàra tanto como elle: *Nemo ita ut Petrus Jesum amabat.* Amou-o tambem muyto (como o mesmo Senhor affirmou) a sagrada Magdalena. Reparey comtudo, que sómente a esta louvou o Senhor publicamente o seu amor, dizendo, que por elle lhe perdoava suas culpas: *Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum.* Pois que teve mais hum amor, que outro? Que fineza obrou o da Magdalena, que o de Pedro naõ fizesse? Se aquella contrita lhe regou os pès com lagrimas: *Lachrymis cæpit rigare pedes ejus*; Pedro tambem arrependido chorou amargamente as suas culpas, *flevit amarè*: se aquella gastou de seus bẽs, pelo ungir com precioso unguento, *& unguento ungebat*; este tambem pelo seguir cõ fervorosos passos, deyxou no mundo todos, os que possuhia: *Reliquimus omnia, & secuti sumus te.* Pois como ló-

Chryost. tom. 2. hom. 51.

Luc. 7. 47

Matth. 19. 27.

mente da Magdalena publica Christo, que o amára muyto: *Dilexit multum?* Ora a Igreja nos refere huma fineza do amor da Magdalena, que se naõ achou no de Pedro, nem no dos mais, pela qual nos certifica, que o seu amor para com o Senhor certamente fora o principal: diz assim: *O certè præcipuus Mariæ Magdalenæ amor, quæ à monumento Dominico, Discipulis recedentibus, non recessit.* Certamente o amor da Magdalena para com Christo foy o principal, ainda por comparaçaõ ao dos Sagrados Apostolos; & a sua mayoria consistio nesta fineza, que retirando-se estes da sua sepultura, naõ se apartou della a Magdalena. Nos Discipulos diminuhio-se o amor, vẽdo ao Divino Mestre morto; & naõ se diminuhio na Magdalena, para o deyxar, ainda depois de sepultado: *Discipulis recedentibus non recessit.* E como esta fineza, posto que futura,

Breviari. Domin. in ejus festo Resp. 7.

já

já ao conhecimento do Senhor eſtava preſente, por iſſo já antecedentemente louvou publicamente o ſeu amor: *Dilexit multum*; & a Igreja affirmou, que por ella o ſeu certamente fora o principal: *O certè præcipuus Mariæ Magdalenæ amor, &c.*

Com q̃ tende entendido, que a campa, que cobre a ſepultura, he a pedra de toque do amor; ſe eſte naõ chega á ſepultura, foy groſſeyro, ſe ainda permanece nella, he fino. *Ecce quomodo amabat eum*, diſſeraõ os Judeos de Chriſto Senhor noſſo na ſepultura de Lazaro. Eis-aqui ſe vè (diziaõ elles) o como eſte Senhor o amava. E porque mais agora, & naõ antes? Já antecedentemente naõ lhe tinha amor? Sim tinha: *Ecce quẽ amas infirmatur*. Pois como eſtes homens ſómente agora dizem, que moſtrou, que o amava? He, porque d'antes, poſto que enfermo, ainda Lazaro eſtava vivo, & agora era já Lazaro ſepultado; & as finezas na ſepultura ſaõ a melhor prova da amizade: a campa he a pedra de toque, que diſtingue o amor apparente do verdadeyro, & que dá a conhecer, o que he groſſeyro, & o que he fino: *Ecce quomodo, &c.*

Por iſſo reparay mais, que naõ ſó diſſeraõ, que o Senhor moſtrava ter-lhe amor, ſenaõ tambem o modo, com que o amava: *Quomodo amabat eum.* Notay o *quomodo*, que eſtá divino. O amor he como o ouro, que tambem tem ſeus quilates. Aſſim como ha ouro bayxo, & ouro fino, aſſim tambem ha amor remiſſo, & amor intenſo; eſtes gráos ſaõ os quilates do amor, & deſtes a pedra de toque he a ſepultura; ſe o amor naõ chega á ſepultura, he bayxo, he groſſeyro, tem muyto de terreo, porque eſſe amor he remiſſo; & ſe permanece nella, he ſuperior, he fino, porque

eſte amor he intenſo: *Quomodo amabat eum.*

Ainda o Texto tem mais fundo: *Ecce quomodo amabat eum.* Aquella palavra, *Ecce*, na Eſcritura he enfatica, & denota ſempre couſa digna de admiraçaõ; por iſſo della uſou o Anjo na Encarnaçaõ do Divino Verbo, quando fallando com a Senhora, lhe diſſe: *Ecce concipies, & paries Filium.* E da meſma ſorte a Senhora na humilde repoſta, que deo ao Anjo, dizendo: *Ecce ancilla Domini, fiat mihi ſecundùm verbum tuum.* E em outros muytos lugares. Uſáraõ pois eſtes homẽs tambem della na preſente occaſiaõ; porque a verem nas lagrimas de Chriſto ſinaes de amor de hum amigo para outro, que já eſtava na ſepultura, tiveraõ iſſo por prodigio: *Ecce.*

Luc. 1. 31.

Ibid. 38.

Em cada palavra deſte texto acho myſterio. Põderay agora o *amabat*. Vede, que naõ dizem: *Ecce quomodo amat eum*; ſenaõ, *Ecce quomodo amabat eum.* Naõ dizem, agora ſe vè, o como o ama, ſenaõ agora ſe vè, o como o amava. Naõ lhe attribuem amor de preſente, ſenaõ ſómente de preterito. Julgavaõ o de Chriſto pelo ſeu. A naõ ſer eſte Senhor o amigo, tambem eu diſſera o meſmo; porque o amor dos mais para com os ſeus commummente acaba com a vida, & naõ permanece, nem chega à ſepultura, quando muyto verificarſeha de algũ delles para com o amigo ſepultado, o *amabat*, mas naõ, o *amat*.

Naõ deyxemos por ponderar a ultima palavra deſte myſterioſo texto: *Ecce quomodo amabat eum.* Refere S. Joaõ, que diziaõ os Judeos, Eis-aqui ſe vè, o como amava a eſte. Reparo no *eum*. A eſte? pois naõ tem nome? naõ ſe chamava Lazaro? Com pouco reſpeyto fallaõ em hum homem, que entre os da ſua naçaõ era Principe: *De ſtirpe regia deſ-*

descendentes, disse delle, & de suas irmãas Santo Antonino. Sobre o ser tão nobre, era muy virtuoso, & entendido, que a não ter demais estas duas prendas, não seria de Christo tão amado; porèm como já estava sepultado, até o nome perdeo para com os seus. Oh desengane se a vaidade dos mortaes, que a mesma campa, que cobre o cadaver, para com o mundo sepulta a nobreza, sepulta a virtude, sepulta a discriçaõ, sepulta a fama, & atè sepulta o nome: *Ecce quomodo amabat eum.*

D. Antoninus to. 1. lit. B. de Apostol. Discipul. cap. 19. de Conversat. B. Mariæ Magdal.

Porèm Catholicos, se regularmente fallando, tudo isto fica sepultado para com o mundo, para com Christo nunca as boas obras ficaõ sepultadas, por isso ainda na sepultura amava a Lazaro. Esse amor de Christo Senhor nosso para com Lazaro, o da Magdalena para com Christo, & o de David para com Jonathas imitaõ hoje estes Irmãos. Notay: O amor de David para com Jonathas assistio-lhe na sepultura sómente com a dor, *doleo*. O amor da Magdalena assistio a Christo na sepultura com a dor, & com a pessoa, *non recessit*. E o amor de Christo, como mais fino, assistio a Lazaro na sepultura com a dor, com a pessoa, & com o remedio: *Lachrymatus est JESUS.... Lazare veni foras*. Assim pois assistem hoje estes Irmãos como amigos extremosos; assistem com a dor, porque se mostraõ magoados; com a pessoa, porque os vemos presentes; & com o remedio, não para os corpos, mas para as almas; porque applicaõ estes suffragios pelas de seus Irmãos defuntos.

Irmãos disse? Pois disse bem; porque supposto o não fossem por natureza, serviaõ todos ao Senhor dos Passos na mesma Irmandade. Naõ vamos mais lõge, que cuydo, que nas palavras do thema temos

mos para o penſamento a melhor prova. *Doleo ſuper te frater mi Jonatha.* Eu me doo ſobre vòs meu irmaõ Jonathas. Jonathas naõ era irmaõ de David, nem eſte tinha parenteſco algum com Jonathas. David era filho de Jeſſé, & Jonathas filho de Saul; David tinha ſido paſtor, & Jonathas ſempre foy Principe; David tinha ſido creado no campo, & Jonathas naſcido no paço. Pois como Irmãos? Hugo. Hugo Cardeal: *Frater amore, & cultus religione.* Naõ ſó por hũa, mas por duas razoens chama David irmão a Jonathas; a primeyra era pelo amor, que lhe tinha, *amore*; & a ſegunda, porque juntamente ſerviaõ a Deos ambos, ſeguiaõ a meſma religiaõ, davaõ-lhe o meſmo culto, & viviaõ na meſma irmandade: *Et cultus religione.* Aſſim era David irmaõ de Jonathas, & da meſma ſorte o ſaõ entre ſi eſtes irmãos. Com que bem podem dizer, como David: *Doleo ſuper te frater mi Jonatha.*

Porèm para que os meus ouvintes ſaybaõ, o de que ſe compadecem, & laſtimaõ, he-me neceſſario proporlhes em primeyro lugar as penas, que no Purgatorio eſtaõ padecendo as almas. Em ſegundo, o como os que eſtamos vivos, lhes podemos aliviar eſſes tormentos. E em terceyro, o como ellas depois de aliviadas, ſe haõ de portar comnoſco agradecidas. Com que tendes que ouvir hũs tormentos rigoroſos, hũs remedios pios, & hum agradecimento nobre. Ouvime, que ſe entender, que na dilaçaõ vos moleſto, em todos os tres pontos ſerey breve.

I. PONTO.

HE o Purgatorio, Catholicos, hum lugar deſtinado pela juſtiça Divina nas entranhas da terra, para purificar as almas dos fieis defuntos, que aca-

acabáraõ em graça, ſem eſtarem ainda purificadas inteyramente. Nelle ſe purificaõ com fogo, & outras penas, atè a juſtiça Divina eſtar completamente ſatisfeyta.

Neſte lugar pois ſaõ nas almas taõ intenſas as dores, que por mais que conſideremos todas, quantas padecèraõ, & haõ de padecer os homens neſte mundo, deſde que eſte teve ſer, atè que haja de acabar; ou foſſem procedidas dos achaques, & doenças, que ha na terra, ou das que ſe experimentaõ nas tormentas do mar, ou naſcidas dos incendios do fogo, ou das peſtes, que occaſiona a corrupçaõ do ar, tudo he menos, do que a menor pena das que ſe padecem no Purgatorio. Diſſe-o Santo Anſelmo: *De quibus minimum maius eſt, quàm maximum, quod in hac vita excogitari poſſit.* E Saõ Bernardino de Sena diſſe, que ainda todas juntas naõ eraõ couſa algũa em comparaçaõ do que nelle ſe padecia: *Omnes ſimul junctæ nihil ſunt reſpectu tribulationum animarum Purgatorij.*

D. Anſel. in Elucid.

D. Bernardin. tom. 4. part. 2. Serm. 15. fol. mihi 86.

Em comparaçaõ deſte fogo, que atormenta as almas no Purgatorio, he a voracidade do Mongibelo hũa pintura, os ardores do Ethna hũa ſombra, as lavaredas do Veſuvio hũa ſemelhança: *Ille ignis ſic ſe habet ad noſtrum ignem, ſicut ſe habet veritas ad picturam*, diſſe Sãto Agoſtinho: Aquelle fogo em cõparaçaõ do noſſo he como o verdadeyro a reſpeito do pintado.

D. Aug. apud Hug to. 2 in Pſal. 37 fol. mihi 97. col. 3.

Refere-ſe na vida de Santa Maria Magdalena de Pazzi, que eſtando em hum rapto, em que ſe lhe repreſentáraõ as penas do Purgatorio, diſſera, que tudo quanto neſte mundo padecèraõ os Martyres, em comparaçaõ dellas, fora, como o viver entre o mimo das flores, as ſombras das arvores, a freſcura das fontes, & as delicias dos jardins: *Beata Maria Magdalena de*

Pazzi in raptu dicebat omnia tormenta, quæ passi sunt Martyres, fuisse tamquam amœnũ hortum respectu eorum, quæ infliguntur in Purgatorio.

Parecevos, que disse muyto? Pois mais affirma Saõ Bernardino, que diz, naõ só as que padecèraõ os Martyres, & todas as demais creaturas deste mundo, mas atè as que sofreo Christo Senhor nosso em todo o tempo de sua sagrada Payxaõ, foraõ nada a este respeyto: *Omnes pœnæ, quæ possunt excogitari in hoc mundo, & pœnæ Christi, & omnium aliorum Martyrũ, cæterarumque personarum, & creaturarum nihil sunt respectu pœnæ Purgatorij.* Finalmente, diz Saõ Cesareo, quereis saber, que tormentos saõ os do Purgatorio? Pois tende entendido, que he mais que tudo, quanto se pòde ver, quanto se pòde imaginar, & quanto neste mundo se pòde sentir: *Ille Purgatorius ignis durior erit, quàm quod pœnarum potest in hoc sæculo, aut videri, aut cogitari, aut sentiri.* Vede pois se na consideraçaõ destes tormentos, que estaõ padecendo as almas, tem estes Irmãos grande motivo para o seu sentimento, para a sua compayxaõ, & para a sua dôr: *Doleo super te frater mi Jonatha.*

D.Bernardin.tom. 4.part.2. Serm. 15. de Purg. mihi fol. 84.

D.Cæsar. Episcop. Arelat. hom.7.

Mas que muyto, que estes sejaõ taõ intensos, se o que accende o fogo, que os atormenta, he a poderosa maõ da justiça punitiva de Deos? *Ignis autem ille Purgatorius nullo Angelo bono, vel malo accendente ardet, sed Divina Justitia nutriente*, disse o Abulense. Lá se vio o Santo Job taõ affligido, que com repetidos rogos pedia a todos os seus amigos, que se compadecessem delle: *Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos amici mei.* Pois naõ foy este o exemplar de huma perfeyta paciencia? Pois como agora com taõ enternecidas vozes clama aos seus amigos, que tenhaõ delle com-

Abulens. in Exod. cap. 12. f. 146. lit. F. Job 19. 21.

compayxaõ ? Reparay, que logo no contexto immediatamente deo disso a razaõ: *Quia manus Domini tetigit me*: porque agora me acho tocado da divina maõ; a justiça punitiva de Deos he, quem agora me castiga por minhas culpas; & assim saõ as minhas dores taõ intensas, que me obrigaõ a romper nestas lastimosas vozes, pedindo, que se compadeçaõ de mim pelo menos os meus amigos: *Miseremini mei, miseremini mei, &c.* Com estas mesmas, em q̃ entaõ desabafou o sentimento de Job, estaõ hoje as almas clamando no Purgatorio, pedindo a todos os fieis, que se cõpadeçaõ dellas, porque da mesma sorte que elle, se achaõ tocadas da maõ da justiça punitiva de Deos: *Rectè clamant animæ Purgatorij, miseremini mei, miseremini mei, quia manus Domini tetigit me*, escreveo hũa douta penna.

Bessens. in cõmemor. animæ.

Ouvi em confirmaçaõ do referido hum grande texto de Saõ Paulo: *Horrendum est incidere in manus Dei viventis*: He cousa horrenda, & muyto para se temer, o cahir nas mãos de Deos vivo. Reparo naquella ultima clausula: *In manus Dei viventis*. Nas mãos de Deos vivo? E quando pòde o homem cahir nas de Deos morto? Se Deos Senhor nosso he immortal, & como tal vive sempre, como diz o Apostolo, que he cousa horrenda, o cahir nas mãos deste Senhor vivo? Direy: Em quanto vivemos neste mundo, estamos todos nas de hum Deos, que estando vivo para nos favorecer, se ha como morto em ordem a nos castigar; porque alguns trabalhos, que nelle nos dá, como saõ os da infancia, os da pobreza, os da guerra, os da fome, os da doença, & os das mais miserias desta vida, todos saõ taõ brandos, & taõ remissos, que parece, serem dados pela mão de hum Senhor amortecido,

Ad Hebr. 10. 31.

do, ou de hum Deos como morto; porèm os que este Senhor dá a huma alma pelas suas culpas na outra vida; ou seja no Inferno, ou no Purgatorio; esses (diz o Apostolo) para que entendais, o quão mayores, vos digo, que vem da mão de hum Deos vivo; & nem tenho outras palavras, com que melhor os explique, do que com vos dizer, que este castigo he horrendo: *Horrendum est, &c.* Esta he a primeyra pena, que as almas padecem no Purgatorio, a q̃ os Theologos chamaõ *pœna sensus.*

Alèm desta, Catholicos, ainda as almas no Purgatorio padecem outra mayor, & he, a que os mesmos chamaõ, *pœna desiderij*, ou *pœna damni.* Consiste esta, em que naõ podem as almas, em quanto estaõ naquelle carcere, ver a Deos; & como na sua vista consiste o Summo Bem, o verem-se privadas delle, he a sua mayor pena, a lembrança da visaõ Divina lhes motiva a mayor dor. Menos sentem a *pœna sensus*, procedida das lavaredas do fogo, em que se abrazaõ, ou de outro qualquer tormento, que padeçaõ, do que a falta desta divina visaõ. *O quanta pœna est dilatatio gloriæ!* exclama aqui hũ douto Parisiense: *O quàm amara est recordatio visionis Divinæ! maximè cum jam tempus Deo fruendi advenerit, & anima à pondere sui corporis absoluta fuerit; ipsi animæ gravius multo est, carere Deo, quàm cruciari Purgatorij igne.* Viex moncius Paris. c. 6. Instit. ad pœn.

Permittio Deos Senhor nosso ao Demonio, que perseguisse ao Santo Job; porque queria, que a virtude deste seu servo se fizesse a todo o mundo manifesta. Executou este inimigo a permissaõ com tanto rigor, que lhe destruhio toda a fazenda, abrazoulhe os servos, matoulhe os filhos, & da cabeça atè os pès o cobrio de lepra. E sendo, que todos

dos estes trabalhos lhe causariaõ hũa vehemente dor: *Videbant enim dolorem esse vehementem*; tudo isto sofreo com paciencia, com dissimulaçaõ, com silencio, & com descanço, como elle mesmo disse: *Non ne dissimulavi? Non ne silui? Non ne quievi? Et venit super me indignatio.* Ouvi-o agora no outro lugar, fallando com Deos, dandolhe amorosas queyxas nestas enternecidas vozes: *Cur faciem tuam abscondis, & arbitraris me inimicum tuum?* Senhor, diz Job, porque escondeis de mim a vossa face, & me tratais como a inimigo vosso? Pois se na primeyra occasiaõ, em que o Demonio, por permissaõ Divina, o perseguio, foy vehemente a sua dor: *Dolorem vehemẽtem*, & ainda assim dissimulou, guardou silencio, & se portou com descanço; como só agora rompe nestas sentidas vozes, fazendo ao mesmo Senhor estas amorosas queyxas? Sabeis porque? He porque via Job, que ainda depois de todos estes trabalhos, o naõ levava este Senhor para si, pois ainda por sua morte havia de ir para o Limbo dos Padres, donde ainda lhe esconderia a sua face, & o trataria como a inimigo seu: *Cur faciem tuam abscondis, & arbitraris me inimicũ tuũ?* que he a mesma *pœna desiderij*, que hoje padecem as almas no Purgatorio; & posto que a primeyra tinha sido grande, esta segunda era mayor: a primeyra dor sim foy vehemente, *dolorem vehementem*; porèm a segunda atè à paciencia de Job parecia insoportavel: *Cur faciem tuam abscondis, &c.*

Job 2. 13.

Job 5 26.

Job 13. 24.

Desterrado andava o Principe Absalaõ pela morte, que mandou fazer de seu irmaõ Amnon. Intercedeo por elle Joab diante de David; concedeo este, que viesse para sua casa, porèm que naõ entraria no paço, nem veria a sua face: *Revertatur*

2. Reg. 14. 24.

in domum suam, & faciem meam non videat. Naõ se deo este por aliviado do castigo, antes pedio a Joab, que intercedesse por elle segunda vez, para que se lhe concedesse o ver a face do Rey; acrescentando, que se este para a negaçaõ, ainda se lembrasse da sua culpa, que teria por menos mal, que se lhe tirasse a vida: *Obsecro ergo, ut videam faciem Regis, quòd si memor est iniquitatis meæ, interficiat me.* Ibid. 33. Taõ grande como isto era a dor, que sentia Absalaõ, de verse privado de ver a face do Rey! Porèm que proporçaõ pòde haver do limitado para o infinito? Do ver a face de hum Rey da terra, com o ver a face de Deos, Rey, & Senhor de todo o creado? Se a huma alma do Purgatorio se lhe concedèra voltar a este mundo com mil vidas, rogára melhor do que Absalaõ, que queria antes em outros tantos martyrios perder todas, do que o retardarse-lhe huma só hora, ô ver a face de Deos: *Obsecro ergo, ut videam faciem Regis, &c.* Taõ grande, & taõ vehemente he a *pœna desiderij*, que as almas padecem no Purgatorio! Vede pois, se tem estes Irmãos justo motivo, para se compadecerem dellas, assim como lá David se dohia de Jonathas: *Doleo super te frater mi Jonatha.*

II. PONTO.

TEmos com brevidade ponderado as penas, que padecem as almas do Purgatorio. Vejamos agora com a mesma, o como as podemos aliviar dellas. Atè agora ouvisteis tormentos rigorosos; ouvi agora remedios pios. O principal, que ha, para aliviar as almas, he o das Missas: *Missa est maius bonum, quod possit fieri pro animabus propter communicationem corporis Christi.* D. Bernardin. tom. 4. p. 2. Ser. 15. mihi fol. 86. De tanta virtude he este incruento sacrificio, que de si hũa só Missa he sufficien-

ficiente para tirar todas as almas do Purgatorio. Tudo disse a luz de Sena, S. Bernardino: *Nam una Missa sufficiens est evellere*
1.Reg.2. 36. *omnes animas de Purgatorio.*

No segundo Capitulo do primeyro livro dos Reys se diz o modo, com que antigamente se devia de orar a Deos, para da sua culpa se purificar hũ peccador; & diz, que havia ser, offerecendo ao Sacerdote huma moeda de prata, & hũa torta de paõ, para este offerecer por elle sacrificio: *Offerat nummum argenteum, & tortam panis.* Ouvi hum grande Escritor da Companhia na exposiçaõ deste lugar:
Mendoça hîc n.6. fol.534. *Quicumque in domo tua superstes fuerit, cum à suo se peccato voluerit expiare, summum Sacerdotem supplex adibit, offerens ei nũmum, seu obolum argenteũ, & tortam panis, ut pro se sacrificet, seque à peccato immunem reddat.* O Apostolo na primeyra carta, que escreveo aos de Corintho, nos diz que muytos successos da ley antiga succedèraõ para nòs em figura: *Hæc autem in figura facta sunt nostri.* 1.adCor. 10. 6. E eu ydo eu, que hum delles he este, que temos entre mãos. Na moeda de prata, *nummum argenteum*, temos expressa a esmola, q̃ para o sacrificio da Missa se costuma dar ao Sacerdote. Na torta de paõ, *& tortam panis*, disse sobre este mesmo lugar a luz da Igreja S. Gregorio Magno, se figurava o Divinissimo Sacramento do Altãr: *Panis namque nomine ille exprimitur, qui de semetipso ait: Ego sum panis vivus, qui de Cælo descendit.* D.Greg. Magn. in Enchir. cap.109. Este sacrificio pois com aquella esmola he o remedio pio, & efficaz, para purificarmos as almas do Purgatorio das suas culpas, & as livrarmos das penas, que nelle padecem. Isto mesmo nos deyxou escrito S. Agostinho: *Neque negandum est defunctorum animas pietate suorum viventium relevari,* D. Aug. in Enchirid. cap. 109.

cum

cum pro illis ſacrificium mediatori offertur, vel eleemoſynæ in Eccleſia fiunt.

Para confirmaçaõ do meſmo penſamento, ouvi no outro texto ſegunda figura. Achava-ſe Tobias o velho proximo à morte, & deſpedindo-ſe de ſeu filho, chamado tambem Tobias, entre os muytos, & ſantos conſelhos, que lhe deo, foy hum, o ſer devoto das almas, enſinandolhe, que ſobre a ſepultura do juſto poria o ſeu paõ, & o ſeu vinho: *Panem tuum, & vinum tuum ſuper ſepulturam juſti cõſtitue.* Ou foſſe para q̃ eſte paõ, & eſte vinho ſe repartiſſe depois pelos pobres, para que eſtes oraſſem a Deos pelas almas, como era coſtume dos Hebreos, & ainda hoje (teſtimunha o ALapide) em algũas terras de Heſpanha ſe pratica; ou com eſpirito ſuperior, como no paõ, & no vinho ſe figura o Diviniſſimo Sacramento do Altar, quiz-nos dar a entender, q̃ na futura Ley da Graça, o incruento ſacrificio da Miſſa ſeria o remedio mais efficaz, para as purificar das culpas, para lhes extinguir as chammas, & fazer, que ſayaõ livres, a gozar na bemaventurança da viſta de Deos.

Tobiæ 4. 18.

ALapid. hîc.

Iſto meſmo nos affirma Saõ Joaõ no ſeu Apocalypſe, como teſtemunha de viſta, donde diz: *Vidi turbam magnam, quam dinumerare nemo poterat, ex omnibus gentibus, & tribubus, & populis, & linguis ſtãtes ante thronum.* Eu vi (diz elle) hũa grande multidaõ de gente de todas as nações, de todos os Tribus, de todos os povos, & linguas, que eſtavaõ diante do throno. E curioſo de ſaber, quem eraõ, me diſſe o Anjo, que aquella gente tinha vindo de hũa grande tribulaçaõ, & havia purificado as ſuas eſtolas (as ſuas almas commentou Hugo) no ſangue do Cordeyro: *Hi ſunt, qui venerunt de tribulatione magna, & laverunt ſtolas*

Apoc. 7. 9.

Hug. hîc.

verſ. 14.

las suas, & dealbaverunt eas in sanguine agni. Almas, que vem de huma grande tribulaçaõ, saõ, as que sahem do carcere do Purgatorio. O sangue do Cordeyro, em que se purificaõ, he o de Christo Sacramentado. Deste sangue pois, que por ellas se offerece no incruento sacrificio da Missa, he, que procede, o apparecerem puras diante do throno de Deos: *Ideo sunt ante thronum Dei.*

Saõ tambem remedio pio, para aliviar as almas do Purgatorio, as Orações da Igreja. He texto expresso no segundo livro dos Machabeos, donde se diz: *Sancta ergo, & salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis solvantur*: que he pensamento santo, & saudavel, rogar a Deos Senhor nosso pelas almas, para serem livres do Purgatorio, em que estaõ por suas culpas. 2. Mach. 12. 46.

Entre os horrores de hum carcere se achava o Principe da Igreja, o meu Saõ Pedro por mandado do tyranno Herodes: *Petrus quidem servabatur in carcere.* Estava preso com duas cadeas, & tinha demais à vista duas sentinellas; porèm com animo taõ destemido, & taõ sossegado, que no meyo dellas estava dormindo: *Erat Petrus dormiens inter duos milites vinctus catenis duabus.* Appareceo-lhe hum Anjo, disse-lhe, que se compuzesse, & que o seguisse: *Circunda tibi vestimentum tuũ, & sequere me.* Desta sorte milagrosamẽte ficou livre. Agora donde vos parece, que procederia, o fazer-lhe Deos Senhor nosso este grande beneficio? O mesmo texto o diz: *Oratio autem fiebat sine intermissione ab Ecclesia ad Deum pro eo.* De que neste tempo estava a Igreja continuamente fazendo a Deos Senhor nosso oraçaõ por elle. Os suffragios desta o puzeraõ fóra daquelle carcere. Neste, em que Pedro estava, Act. 12. 5

le figurava o do Purgatorio, donde as almas assistem. Nas duas cadeas, as duas penas, que nelle padecem, a *pœna sensus*, & a *pœna desiderij*. Quereis pois, Catholicos, livrar as almas destas duas grandes penas, ou quebrar os fuzis destas grossas cadeas? Pois offerecey por ellas a Deos Senhor nosso as vossas oraçõ̃es: *Oratio autem fiebat.*

Porèm supponho, que me perguntais, que oraçaõ ha de ser esta? Lembremonos do dia, em que estamos, que he a primeyra Dominga do mez, em que os Irmãos do Rosario de Maria Santissima Senhora nossa lhe costumaõ fazer a sua prociſſaõ. Digo pois, que offereçais a Deos Senhor nosso pelas almas as oraçoens do Rosario, porque tenho para mim, que estas foraõ, as que os fieis da primitiva Igreja offerecèraõ por Pedro, quando este estava no carcere. Fundome, para o dizer assim, no modo com que Christo Senhor nosso os tinha ensinado a orar: *Sic ergo vos orabitis: Pater noster, qui es in Cælis, sanctificetur nomen tuum, adveniat regnum tuum, &c.* Discipulos (diz o Senhor) haveis de orar nesta fórma: Padre nosso, que estais no Ceo, santificado seja o vosso nome, venha a nòs o vosso Reyno, &c. Este he o modo de orar, que Christo Senhor nosso ensinou aos fieis da primitiva Igreja, & nelles a nòs todos; estes pois, como Discipulos de Christo, como haviaõ de orar por Saõ Pedro, senaõ da mesma sorte, que o Senhor os havia ensinado? Logo as oraçõ̃es do Rosario de Maria Santissima foraõ, as que o livráraõ do carcere: *Oratio autem fiebat, &c. Sic ergo vos orabitis, &c.* Matth. 6. 9.

A mesma Rainha dos Anjos revelou a meu grãde Patriarcha, ser a devoçaõ do Rosario, que lhe mandava prègar, de grande proveyto para as almas do

Apud Ricran. p. 2. cap. 14. pag. 56. §. 1.

do Purgatorio: *Fructus.... animarum è Purgatorio liberatio.*

Podemos do mesmo modo applicar pelas almas do Purgatorio todas as demais boas obras, que fizermos, as vigilias, os jejũs, os cilicios, & as disciplinas. Isto fazem hoje os virtuosos, & já antigamente o faziaõ os Santos. Meu grande Patriarcha Saõ Domingos, que todas as noytes tomava com hũa grossa cadea tres disciplinas de sangue, huma dellas applicava pelas almas do Purgatorio.

Finalmente he remedio pio, & muy efficaz para as almas, o das Indulgencias, que os Summos Pontifices, & mais Prelados da Igreja tem concedido. He taõ grande remedio este, que se a Indulgencia he plenaria, livra a huma alma de todas estas penas de hũa só vez.

Agora vos quero descobrir o precioso thesouro, que tendes nesta santa Irmandade do Senhor dos Passos desta Casa, que alèm das muytas Indulgencias, que o Summo Pontifice Clemente XI. nosso Senhor, que hoje governa a Igreja de Deos, tem concedido em diversas Bullas a todos os Irmãos para differentes dias do anno; concedeo mais a todos, os que nella entrarem, Indulgencia plenaria para a hora da morte. Este he o melhor beneficio, que vem de Roma; a mayor graça, que para aquella hora faz o Summo Põtifice a hũ Principe, quando este naquella Curia chega a beijarlhe o pè.

Por virtude desta Indulgencia, se morreres verdadeyramente arrepẽdidos das vossas culpas, & confessados; ou naõ podendo confessarvos, se tiveres dellas huma verdadeyra contriçaõ, vos livrais inteyramente das penas do Purgatorio; porque o Summo Pontifice, como Vigario de Christo na terra, & dispenseyro do thesouro inexhaurivel

da Igreja, na referida Indulgencia vos applica a virtude dos infinitos merecimentos do meſmo Senhor em remiſſaõ de toda a pena. Ditoſa ſerá aquella alma, que ſe ſouber diſpor, para a conſeguir. Lembrovos, que para a alcançares, haveis de ter tambem a Bulla da Santa Cruzada. Eſtes ſaõ os remedios pios, com que podeis aliviar as almas das penas do Purgatorio. E uſando delles, moſtrareis, que vos doeis, ou condoeis dellas, aſſim como lá David ſe dohia, ou condohia de Jonathas: *Doleo ſuper te frater mi Jonatha.*

III. PONTO.

TEndes ouvido os tormentos, que as almas padecem, & os remedios, com que ſe aliviaõ. Ouvi agora, depois delles, o agradecimento, que tem. Que as almas do Purgatorio aos noſſos ſuffragios ſe hajaõ de moſtrar agradecidas, he materia ſem duvida. E ſenaõ dizeyme: Que homem de bem haveria ahi, que vendo que outro ſeu amigo com a ſua induſtria, & á cuſta da ſua fazenda, o tinha livrado de hum carcere, donde vivia oprimido com grandes tormentos; ſe eſte depois chegaſſe a ſer valido do Rey, poderia deyxar de ſe lembrar do amigo, que o havia remido? He certo que naõ. Mas ainda dado caſo, que iſſo ſe poſſa achar cá no mundo, naõ o póde haver em hum bemaventurado, que pelo ſeu eſtado já he impeccavel, & conſequentemente incapaz de ingratidaõ.

Mas naõ quero fiar ſómente deſte diſcurſo a prova deſte penſamento. Ouvi a David em hum texto, em que talvez ainda naõ reparaſſeis: *Oratio mea in ſinu meo convertetur.* A minha oraçaõ haſe de virar, ou converter no meu ſeyo. Notavel converſaõ por certo he Pſalm. 34. 13.

eſta

eſta da oraçaõ de David! Que eſte diſſeſſe, que a ſua oraçaõ ſahia do ſeu coraçaõ, ou do ſeu ſeyo para Deos, atè ahi bem ſe deyxava entender; porèm que affirme, que eſta oraçaõ ſe vira, ou converte de Deos para elle, iſto como pòde ſer? Buſquemos ao texto Expoſitor: *Oratio mea* (diſſe Lothner) *in ſinu meo convertetur, quæ facta eſt pro animabus*: Eſta oraçaõ, de que aqui fallava David, era, a que fazia a Deos Senhor noſſo pelas almas. Agora já eu o entendo. Mas para que me percebais melhor, hei-de explicar-me com hum exemplo. Fazeis hũ preſente ao voſſo amigo, acha-ſe eſte obrigado, & por naõ faltar ás leys de agradecido, paſſado algũ tempo, vos manda outro. Naõ he formalmente o meſmo, que vòs mandaſtes, que iſſo fora groſſaria; mas ou he outro equivalente, ou ſe elle he caprichoſo, vem a ſer outro com ventagem. Neſte ſentido ſe verifica, que o voſſo preſente ſahio da voſſa caſa para a do amigo, & pelo agradecimento deſte voltou em equivalente da meſma caſa do amigo para a voſſa. Eis-ahi pois o que diz David neſte texto. Iſto meſmo me ſuccedeo com a minha oraçaõ, que fiz a Deos Senhor noſſo pelas almas: *Oratio mea in ſinu meo convertetur, quæ facta eſt pro animabus.* He verdade, que eſta ſahio de mim para Deos; porèm pelo agradecimento das almas, & do meſmo Deos, tornou a voltar deſte Senhor para mim; que a naõ ſer aſſim, nem as almas foraõ primoroſas, nem andáraõ agradecidas. Por iſſo S. Bernardino ſobre eſte meſmo texto diſſe: *Qui pro alio orat, pro ſe laborat.* O que ora a Deos por outrem, entenda, que trabalha para ſi. A meſma intelligencia dá a eſte texto a luz da Igreja Santo Agoſtinho. Deyxo as ſuas palavras por mais dilatadas:

Lothner. Lib. 1. c. 3.

D. Bernardin. tom. 4. part. 2. Serm. 15. pag. mihi 86.

D. Aug. Serm. 44. ad Fratr. in eremo. fol. 740. lit. B.

Ora já vimos, que agradecem; agora moſtrar o como, he ſómente, o que falta. Saõ as almas do Purgatorio agradecidas aos ſeus devotos, alcançandolhes de Deos neſta vida a graça, para por meyo della os levarem à bemaventurança.

Luc. 16. 9 *Facite vobis amicos* (dizia Chriſto Senhor noſſo) *de mammona iniquitatis: ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula.* Homẽs ricos, que com o voſſo dinheyro comprais vicios, muday de emprego, & com elle fazey amigos; mas eſſes taes ſejaõ de qualidade, que quando morreres, levem voſſa alma para a bemaventurança. Amigos do outro múdo, que ſe podem fazer com as riquezas deſte, quem ſaõ, ſenaõ as almas do Purgatorio? Os Santos, como já eſtaõ no Ceo gozando do Sũmo Bem, naõ neceſſitaõ do voſſo dinheyro; as almas ſim; porque com elle lhes podeis fazer muytos ſuffragios, para na hora da morte os achares por amigos: *Facite vobis amicos de mãmona iniquitatis.* O agradecimento pois deſtes amigos ha de ſer, o que Chriſto diz: Quãdo morreres, levaráõ a voſſa alma para o Ceo: *Ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula.*

Quantos homẽs ha ricos neſte mundo, que com o ſeu dinheyro fazem amigos? Pelo menos poucos ſaõ, os que naõ queyraõ ſer amigos do que tẽ dinheyro. Porèm que amigos ſaõ eſtes, que com elle fazeis? Eu vo lo digo: He hum, que ſe meteo com-volco, para vos pedir empreſtado, o que vos naõ ha de pagar em tempo algum. Outro, que ſó vos perſuade divertimentos, & regalos; porque ſe naõ contenta, que lhe mateis a fome ſenaõ com banquetes. Outro, que vos perſuade, que as caſas de jogo ſaõ o divertimento da Nobreza, & eſtas a muytos homens

de

de grandes cabedaes deyxáraõ já sem capa. Outro, que vos mete em desafios, dõde se arrisca a vida. Outro em pontos, em que periga a honra; & outro finalmente, que vos leva à casa, donde perdeis a alma. Por isso o Senhor à vossa riqueza chama, *Mãmona iniquitatis*. Muday pois, Catholicos, de eleyçaõ de amigos; os referidos guiaõ-vos para o Inferno; & se fizeres amigos, os que estaõ no Purgatorio, esses, quando morreres, levarvos haõ para o Ceo: *Ut cum defeceritis, recipiant vos in æterna tabernacula.*

O commercio com estes amigos he de tanto avanço, diz Saõ Bernardo, que nelle se interessa cento por hum: *Sustinetis accipere quantum eleemosynæ pro defunctis exhibitæ nobis conferant? Centuplum restituent.* Desejas, ò homem, diz Santo Agostinho, que Deos se compadeça de ti? Pois para isso te deves cõpadecer, dos que estaõ no Purgatorio; pois da mesma sorte que te compadeceres delles, assim usará Deos comtigo: *Cupis, ò homo, ut tui misereatur Deus, fac ut proximo misereris; nam tantum tibi miserebitur Deus, quantum & tu misereberis proximo... Ora ergo pro defunctis.* Finalmente, mais te aproveyta, ò Christaõ, diz S. Bernardino, aquella esmola, que fazes ás almas do Purgatorio, do que dez vezes outro tanto, que neste mundo dès de esmola ao encarcerado, ao enfermo, ao nù, & ao faminto; porque como a sua necessidade he mais urgente, fica o teu merecimento mayor, & consequentemẽte o agradecimento ha de ser superior: *Quoties tu facis aliquod bonum pro anima existente in Purgatorio, tibi magis prodest, & plus mereris, quàm faceres decem tantundem pro uno existente in hoc mundo, etiamsi esset incarceratus, infirmus, nudus, & famelicus; nam quan-*

D. Bern. de regressu anim.

D. Aug. tom. 10. ad fratres in erem. Serm. 44. de pietate, charitate, & suffragijs defunctorum fol. mihi 739 lit. C.

D. Bernardin. tom. 4. part. 2. Serm. 15.

quantò tu facis magis egenti, tanto magis eſt bonum.

Aſſim como as almas ſahem do Purgatorio, & ſe aviſtaõ com Deos, naõ ceſſaõ (diz Ricardo) de lhe pedir pelos que lhe valèraõ com os ſeus ſuffragios: *Animæ ereptæ de Purgatorio, dum adſunt cæleſti gaudio, miro ordine interpellant, exorando pro his, qui ſubvenerint in hoc ſæculo.* E como Deos he hum Senhor por natureza magnifico, & liberal, lhes naõ nega couſa alguma: *Deus enim nihil eis negat.* Pedem-lhe pois, que lhes augmente a vida, que lhes conſerve a ſaude, que lhes multiplique a fazenda, que lhes defenda a honra, que lhes acredite a fama, que lhes communique a graça, & que lhes aſſegure a gloria: *Quam mihi, & vobis, &c.*

Ricard. de S. Victor. Ser. 27. de mortuis.

Laus Deo, Virginique Matri.